



#ELENÃO

Mulheres lideram atos em todo o Brasil contra a intolerância e retrocesso que representa Bolsonaro



INTERSUL PARTICIPA DE AUDIÊNCIA PÚBLICA NO RIO GRANDE DE SUL

Frente parlamentar debate privatizações na Eletrobras



Dia 26 de setembro a Intersul, representada pela diretora do Sinergia Cecy Marimon Gonçalves esteve em Porto Alegre para participar de uma audiência pública, na sede do Senge gaúcho. O evento foi promovido pela Frente Parlamentar pela Renovação das Concessões do Setor Elétrico. Na pauta, entre outros assuntos, a entrega dos ativos da Eletrosul à iniciativa privada por meio do leilão das SPEs, que estava anunciado para o dia seguinte, 27 de setembro. Estão em andamento duas ações populares em São Paulo e uma reclamação constitucional no STF. A primeira ação tramita na 17ª Vara em São Pau-

lo, teve liminar indeferida. Aguarda-se desdobramentos das demais. Além disso o Senge RS entrou com uma denúncia no Ministério Público Federal em Porto Alegre e outra no Ministério Público Estadual. Cecy, que também representava os trabalhadores da Eletrobras, na sua intervenção incluiu algumas informações importantes com relação à caracterização das SPEs como empresas públicas, que foram acrescentadas aos argumentos da assessoria jurídica do Senge. O deputado federal Pompeo de Mattos, presidente da Frente Parlamentar, destacou a importância de manter os ativos públicos.

ELETRICITÁRIOS DIANTE DAS ELEIÇÕES

Mais uma vez trabalhadores vão optar entre dois projetos

As eleições do próximo domingo tem lugar certo na história do nosso país. Estamos na semana decisiva do que pode ser chamado de uma encruzilhada histórica. O resultado que sairá das urnas definirá os destinos do país para os próximos vinte anos. Para todos os cargos em disputa, Presidente, Governadores, Senadores, Deputados Federais e Estaduais, apesar da profusão de candidatos, a disputa essencialmente está colocada em termos de apenas dois projetos.

O povo brasileiro vai escolher entre a continuidade de um projeto de destruição dos direitos e conquistas pela diminuição do amparo social às populações menos favorecidas, ou a retomada de um projeto de soberania e desenvolvimento nacional, inclusivo, participativo e democrático. De um lado, aqueles que tomaram o poder através do golpe de 2016 e os que lhes deram sustentação ao longo de dois anos, com o único objetivo de retirar direitos, destruir a indústria em prol do financiamento, gerar desemprego e pobreza, privatizar o patrimônio e as empresas públicas. Do outro lado, aqueles que acreditam que a imensa riqueza de nosso país deve ser utilizada a favor de nosso povo, no desenvolvimento de nossas capacidades e na melhoria de nossa sociedade, enfim, mais direitos, mais participação nas decisões, mais trabalho, mais dignidade. Em

resumo, a eterna luta de classes nesse confronto do qual deriva o destino dos trabalhadores, inclusive os eletricitários. O futuro do setor elétrico brasileiro está em jogo nesta eleição.

Na hora do voto, é preciso ter em mente que a prática é a medida da verdade. Mais que discursos e promessas, deve-se estar sempre atento e lembrar quem esteve ao lado dos trabalhadores na defesa das empresas na luta contra a privatização e em todas as votações que ocorreram no Congresso recentemente para retirada de direitos. Não somente os candidatos, mas também na postura dos partidos políticos, pois é das direções destes que vem a orientação dos votos dos deputados.

Os trabalhadores sabem muito bem quem votou e continuará votando contra os interesses do povo brasileiro. E devem se lembrar portanto daqueles que deram apoio e guarida aos trabalhadores, na Câmara dos Deputados e nas Assembleias Legislativas Estaduais enquanto a luta estava acontecendo. É somente com estes que os trabalhadores podem contar. E é nestes que os eletricitários devem votar. Sobretudo, nenhum candidato ou partido empenhado na retirada dos direitos trabalhistas, na entrega do patrimônio público, e na destruição dos valores democráticos, merecem o voto dos trabalhadores. ELES NUNCA!

MULHERES LIDERAM ATOS CONTRA A INTOLERÂNCIA E RETROCESSO

Manifestações realizadas por todo o Brasil repudiam discurso de ódio de Bolsonaro e de seus apoiadores

As ruas do Brasil foram tomadas pela luta contra o ódio, a intolerância, o retrocesso, preconceito e facismo. Em atos liderados por coletivos de mulheres e organizados por centenas de movimentos populares, o Brasil manifestou repúdio ao candidato à presidência pelo Partido Social Liberal (PSL), Jair Bolsonaro, fazendo as manifestações do #ELENÃO deixarem as redes sociais e tomarem as ruas. De acordo com levantamento do jornal Brasil de Fato, foram contabilizadas manifestações em 260 cidades brasileiras. Além das manifestações nacionais, várias manifestações foram registradas em cidades ao redor do mundo.

Identificado pelas posições discriminatórias contra mulheres, homossexuais, negros, indígenas e pobres, Bolsonaro lidera a corrida presidencial. Para lutar contra a pauta de retrocessos e opressão, mulheres iniciaram uma série de mobilizações nas redes sociais"

Identificado pelas posições discriminatórias contra mulheres, homossexuais, negros, indígenas e pobres, Bolsonaro lidera a corrida presidencial. Para lutar contra a pauta de retrocessos e opressão, mulheres iniciaram uma série de mobilizações nas redes sociais, fazendo com que a taxa de rejeição à Bolsonaro atinja o índice de 46%, conforme pesquisa divulgada pelo DataFolha na véspera dos atos.

nicamente, não foram destaque em nenhuma emissora de televisão. Era de se esperar que manifestações por todo o país em um período eleitoral tivessem noticiabilidade, que tivessem destaque dentro daquilo que é notícia. Entretanto, o que se vê é uma imprensa comprometida com a manipulação da realidade, visando apenas garantir um projeto que mantenha a desigualdade e impedir um projeto popular e solidário de mudar o Brasil. Além de dar voz à luta contra o discurso de ódio, os atos realizados no dia 29 incluíram na pauta reivindicações progressistas e sociais, como a defesa da saúde pública, o combate à violência contra as

mulheres, e a defesa das empresas pública e dos direitos trabalhistas, também atacados pelo "coiso", como ficou conhecido o candidato do PSL. Defensor de um suposto liberalismo econômico, Bolsonaro pretende entregar o patrimônio público e perpetuar a desigualdade, afirmando que fará um "governo para a maioria".

Para os sindicatos da Intercel e Intersul este discurso de ódio, entreguista e discriminatório não condiz com a luta popular por melhores condições de vida e de trabalho e quem o apoia não representa os trabalhadores brasileiros.



FOTOS: GASTÃO CASSEL

CELESC É ELEITA A SEGUNDA MELHOR DISTRIBUIDORA DE ENERGIA DA AMÉRICA LATINA

Estatal catarinense foi premiada com base no índice de satisfação dos consumidores

Depois de ser eleita a segunda melhor distribuidora de energia elétrica do Brasil pelos consumidores, o trabalho dos celesquianos foi novamente reconhecido pela sociedade, levando novamente a empresa ao pódio. Ao lado da empresa pública de Medellín, na Colômbia, a estatal catarinense foi eleita a segunda melhor distribuidora da América Latina pela Comissão de Integração Energética Regional (CIER). O prêmio é resultado da avaliação do Índice de Satisfação do Cliente com a Qualidade Percebida (ISCAL), resultante da pesquisa CIER de Satisfação de

Clientes – ERSC 2017. A entrega do prêmio acontecerá no dia 29 de novembro.

"Para a Intercel, prêmio é o reconhecimento a um histórico de luta por uma empresa pública de qualidade, responsável socialmente e motor do desenvolvimento social"

Este é o segundo ano consecutivo que a Celesc é premiada como uma das melhores distribuidoras de energia da América Latina. Ano passado a empresa

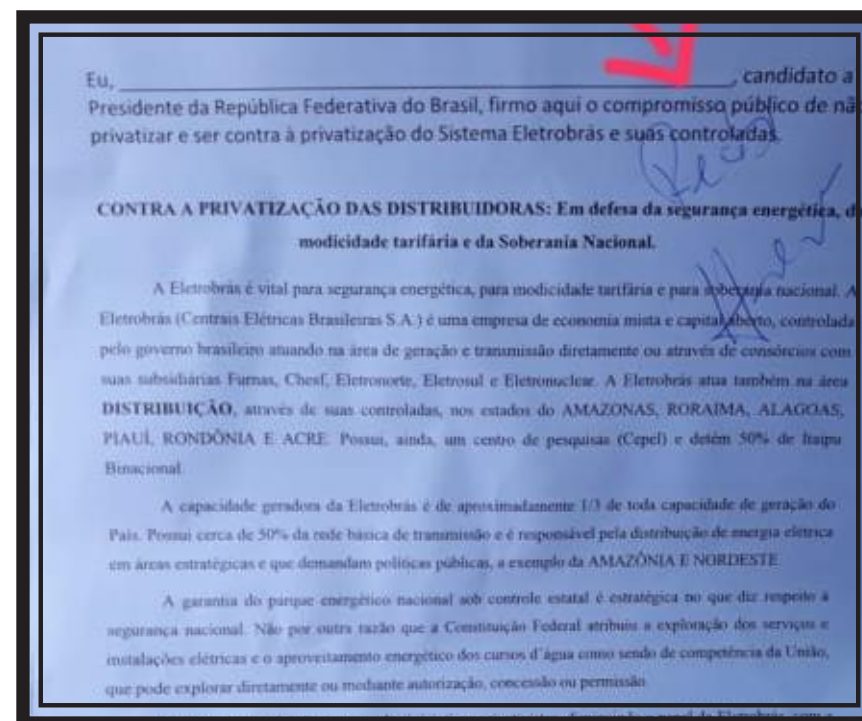
dividiu o primeiro lugar com a COPEL, Coelce, CPFL Paulista e Eletrobras Distribuição Alagoas.

Para os sindicatos da Intercel, o reconhecimento da população ao trabalho dos celesquianos é, na verdade, o reconhecimento de um histórico de luta por uma empresa pública de qualidade, responsável socialmente e motor do desenvolvimento social.

Cada prêmio dado à Celesc é prova de que a privatização de nossas instituições públicas não favorece a sociedade. E cada nova conquista reforça no nosso lema: CELESC PÚBLICA, BOM PARA TODO MUNDO!

HADDAD ASSINA CARTA CONTRA PRIVATIZAÇÃO DA ELETROBRAS

Candidato à presidência firma compromisso pela manutenção da Eletrobras Pública



Fernando Haddad, candidato à presidência da República pela coligação "O Povo Feliz de Novo", assinou no sábado (19/9), em Manaus (AM), carta compromisso com o setor elétrico e com as distribuidoras para manter o sistema elétrico com a Eletrobras. Ele também se comprometeu em fazer um referendo revogatório para as distribuidoras já privatizadas.

O documento foi entregue pelo vice-presidente do Stiu-AM, Hirton Albuquerque, na passagem de Fernando Haddad pela cidade de Manaus e explicita: "firmo aqui o compromisso público de não privatizar e ser contra à privatização do sistema Eletrobras e suas controladas".

Em 20 de agosto último, no ato "Compromissos com o povo brasileiro para a soberania energética", realizado em São Paulo, o candidato do PT já havia recebido da Plataforma Operária e Camponesa de Água e Energia.

INTERSUL DENÚNCIA ATAQUE AO PLANO DE SAÚDE DOS TRABALHADORES

Entidades acionam Ministério Público Geral do Trabalho

A Intersul junto a entidades que representam trabalhadores de outras estatais como: Petrobras, Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil, Correios, Embrapa, Eletronorte, etc; protocolou denúncia no Ministério Público Geral do Trabalho em Brasília em face das famigeradas resoluções CGPAR 22 e 23 do Ministério do Planejamento, que traz prejuízos imensuráveis aos trabalhadores ativos e aposentados dessas empresas em relação ao seu Plano de Saúde. A denúncia será distribuída para a 10ª região do MPT. As entidades signatárias do documento continuarão unidas na luta contra mais esta medida maldosa deste desgoverno contra os trabalhadores!

L

EXPEDIENTE
Linha Viva é uma publicação da INTERCEL e da INTERSUL
Jornalista responsável: Paulo G. Horn (MTE 3489/SC)
Conselho Editorial: Wanderlei Lenartowicz
Rua Max Colín, 2368, Joinville, SC
CEP 89216-000
E-mail: sindsc@terra.com.br
As matérias assinadas não correspondem, necessariamente, à opinião do jornal.

É O DINHEIRO QUEM CONTROLA O PROCESSO DEMOCRÁTICO, NÃO AS PESSOAS"

ENTREVISTA COM DAVID HARVEY

1. O que é a “loucura da razão econômica”?

Segundo a análise marxista, o capital é uma forma político-econômica contraditória: promete liberdade e entrega escravidão; promete crescimento e entrega crise e destruição. (Karl) Marx expôs essas contradições. A maioria dos economistas não gosta de contradições. Eles acreditam que a economia tende a um equilíbrio benéfico, embora forças externas possam perturbá-la. Marx afirma que a economia não tende ao equilíbrio, mas ao acirramento das contradições, o que produz as crises, que são momentos de reconfiguração do capitalismo. Marx fazia piada com os economistas: quando enfrentam uma crise, eles geralmente dizem que isso não aconteceria se a economia se comportasse de acordo com os manuais.

2. Como resolver essa “loucura racional” (ou “razão louca”) da economia dentro dos limites da democracia e do livre mercado?

Não há solução possível dentro do capitalismo, porque o capital é uma contradição. E de que tipo de democracia você fala? Os Estados Unidos são uma democracia controlada pelo dinheiro. A Suprema Corte diz que o financiamento privado de campanhas eleitorais é liberdade de expressão. Isso significa que milionários podem comprar eleições. (O escritor) Mark Twain (1835-1910) disse que os EUA têm o melhor Congresso que o dinheiro pode comprar. É o dinheiro quem controla o processo democrático, não as pessoas. É difícil ter uma democracia genuína se as eleições são tão caras. E, atualmente, vemos cada vez mais o dinheiro apoiando o autoritarismo, que esvazia as democracias parlamentares e concentra todo o poder no Executivo.

3. Qual a solução?

Agora não há um Palácio de Inverno para invadirmos, mas podemos pensar um sistema em que os recursos econômicos sejam geridos democraticamente. O neoliberalismo transformou tudo em mercadoria — até o conhecimento! Estendemos os limites do mercado mais e mais, e enormes segmentos da população, que não têm recursos, não podem comprar educação, moradia digna, crédito, nada. Precisamos “desmercadorizar” a saúde, a educação, a moradia popular e a cesta básica. Uma sociedade decente garantiria saúde gratuita para todos. Moradia popular não pode ser uma mercadoria. Estamos falando de uma plataforma anticapitalista, o que, obviamente, não significa que vamos romper com a economia capitalista amanhã. É um processo de “desmercadorização”.

4. Por que o senhor critica as propostas de renda básica defendidas, nos EUA, pelo Black Lives Matter (movimento social de combate à violência contra negros) e pelo senador socialista Bernie Sanders?

Há vários problemas com essas propostas. Alguns na direita querem a renda básica porque sabem que a automatização e a inteligência artificial reduziram as possibilidades de emprego e que, por isso, há um grande número de pessoas desempregadas que não participam do mercado consumidor. O pessoal do Vale do Silício sabe que a diminuição dos empregos vai encolher o mercado consumidor. A renda básica é a solução deles para preservar o mercado: dê dinheiro a todos para que eles possam ficar no sofá e assinar a Netflix. O problema com os progressistas que defendem a renda básica é que eles ignoram que as pessoas estão preocupadas em ter vidas significativas, trabalhos significativos. Não trabalhar pode ser extremamente negativo. Além do mais, se você dá dinheiro para as pessoas, os aluguéis vão subir. A renda extra vai ser imediatamente tomada pelos proprietários de apartamentos, pelo comércio e pelas empresas de cartão de crédito.

5. O senhor já defendeu o crescimento zero e que a prioridade deve ser a distribuição de renda, e não o crescimento da economia. Os candidatos à Presidência do Brasil defendem a retomada do crescimento econômico. Eles deveriam reavaliar suas prioridades?

Sempre disseram que não há como distribuir renda sem crescimento econômico. Mas quanto do crescimento econômico dos últimos 30 anos serviu para distribuir renda? Reformas tributárias como a de Trump, que cortou impostos dos mais ricos e das empresas, e os programas de ajuste fiscal do Fundo Monetário Internacional (FMI) redistribuem renda dos pobres para os ricos. A crise das hipotecas em 2008 redistribuiu a renda da população para os bancos. Não adianta falar de crescimento, é preciso falar do tipo de crescimento. A transição para uma economia de crescimento zero se dará no longo prazo, porque há países que dependem de crescimento econômico. Mas para quem? Não sou favorável a esse desenvolvimento econômico que vemos hoje, baseado na construção de condomínios para os ricos.



Entrevista concedida a Ruan de Souza Gabriel publicada na revista Época em 18 de setembro que pode ser acessada na íntegra em <https://epoca.globo.com/david-harvey-o-dinheiro-quem-controla-processo-democratico-nao-as-pessoas-23076538#ixzz5Rqt4hLOa>